



Simone Homem de Melloⁱ

**Ciclo de Oriour
(alguns poemas)
2009 - 2016**

I

Sob "A Ponte Mirabeau"

*Les mains dans les mains restons face à face
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse
Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure
("Le Pont Mirabeau", Apollinaire)*

*Lou samedi a soir fat la semaine:
Gaiete et Oriour, serors germainne,
Main et main vont baignier a la fontainne.
Vante l'ore et li rainme crollet:
Ki s'entrainment, soueif dorment.
(Chanson de toile, século XIII)*

Sob "A Ponte Mirabeau",
 de Apollinaire,
 o Sena espelha uma antiga
 cantiga de tear,
 ao armar rimas similares,
 ao margear amor e água,
 ao sincronizar o que inicia
 e o que finda.

À margem esquerda do Sena,
 sob a ponte Mirabeau
 (escada abaixo, beira d'água, sexo),
 a cena prescrevia-se texto,
 esboço de escrita esquiva,
 fugidios os vultos
 em ríspido risco de lápis,
 e, enfim, só
 fluido o ruído do rio.

Movediço substrato aquático
 o rio corrente, enquanto
 se escrevia a página,
 se apagava a tinta,
 ainda orgia o ato
 diz que divorcia,
 se é que fato, logo
 desfecho feito.

A cantiga de tear
 forquilha
 dois destinos femininos
 (Gaieté e Oriour, irmãs),
 "Le Pont Mirabeau"
 liquefaz o violento em lenta via
 à míngua, água passa retroversa,
 e
 a quilha que risca o Sena,
 limítrofe linha

(divisa e emenda)
entre fim e início,
esta escrita agora
elimina,
dissipa substratos:
sexo,
beira d'água,
escada-acima.

Sobre a ponte
segue sem pre-
texto:
abaixo
o Sena,
a penas.

II

A Ponte Mirabeau de Apollinaire

Da ponte Mirabeau vê-se o Sena passar
e nossos amores
tenho que recordar
Sempre vinha a alegria depois do pesar.

Que venha a noite e soe a hora.
Fico. Os dias, sim, vão embora.

Mãos em mãos, face a face nós vamos ficar.
Da ponte de nossos
braços se vê passar,
de eternos olhares, a onda em seu vagar.

Que venha a noite e soe a hora.
Fico. Os dias, sim, vão embora.

O amor, assim como água corrente, se ausenta.
O amor, sim, vai embora.
Como a vida é lenta
E como a esperança é violenta.

Que venha a noite e soe a hora.
Fico. Os dias, sim, vão embora.

Mesmo que passem dias, passe uma quinzena
Não há passado,
nem amor que revenha
Da ponte Mirabeau vê-se passar o Sena.

Que venha a noite e soe a hora.
Fico. Os dias, sim, vão embora.

III

Gaiete et Oriour

Mão à mão, margem e água, eram duas:
de nome gaia deriva dia, e a órion a noite.

Segue adiante uma, torna a outra meia-volta:
eleita a diurna ao leito, noturna a que retorna.

Em nada irmanam elas, germanas: nua a água
banha uma e da outra o pranto a manga, ânfora.

Vem a noite, soa a hora, corre seu a cada qual:
amantes dormem ternos, desnorte à que retorna.

Água e margem, mão a ponte a mão, e rio sob:
da lua corredia, na ida corpo, só luar na volta.

IV

Oriour sob Órion

*"Qant avras, Orriour, de l'ague prise,
Reva toi an arriere, bien seis la ville."
(Chanson de toile, século XIII)*

Oriour retorna: água
à borda do jarro, a cada
passo transborda pranto.
Pés úmidos, via
de dia e de súbito
– que lapso seria o que se diz tempo? –
anoitece.

Sem senda, repente,
ensandece:
o mundo escuro.
Inverna.
Oriour mira Órion,
rumo ambívio.
Seu sul anuncia inverno.

Sob a nebulosa,
que se oriente acima, e ela
que sabia cidade, dizia-se,
sabe-se agora ilha.
Em extremo,
trilha estrelas.

V

Oriour, o nome

Oriour era
 eras no fundo
 ora fonte, agora fio o de água
 o tecido cantiga de tear

agora fio:
 à orla, Oriour, ao longo do fio o corte
 molha as mãos ao olho- -d'água:
com mar fui nee
 de través à água vê o leito

ora fonte:
 trasborda ânfora, Oriour
 à volta entorna rastro grafado desde quando
 solo afora, ela retorna – a sós, soa a hora,
 Oriour, a aura sopra

no fundo:
 onde sol algum, o nome lido em vogais escuras
 ao leito, oriundo de "ouro", "aurora",
 algo no fundo o nome
 se afila, era iluminura

Eras no fundo, Oriour,
 oriente e que
 – o sol levante

ⁱ **Simone Homem de Mello** é escritora e tradutora literária. Estudou Letras (Anglo-Germânicas e Latinas) na Universidade de São Paulo e fez mestrado em Literatura Alemã na Universidade de Colônia. Durante seu período de vida na Alemanha (nas cidades de Colônia e Berlim), de 1993 a 2010, trabalhou como autora, dramaturgista, libretista de ópera, tradutora e redatora. Escreveu *libretti* para as óperas *Orpheus Kristall* (música: Manfred Stahnke, Biennale für Neues Musiktheater, Munique, 2002), *Keine Stille außer der des Windes* (Nem Silêncio senão o do Vento, música: Sidney Corbett, Bremer Theater, 2007), *UBU – eine musikalische Groteske* (música: Sidney Corbett, Musiktheater im Revier, Gelsenkirchen, 2012). Seus poemas em português estão reunidos nos livros *Périplos* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2005), *Extravio Marinho* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2010), *Terminal, à Escrita* (São Paulo: Lumme Editor, 2015) e em antologias de poesia brasileira contemporânea, entre as quais *Antologia de Poesia Brasileira do Início do Terceiro Milênio* (org. Claudio Daniel; Lisboa, 2008); *Tigertail, A South Florida Poetry Annual – Brazil Issue* (org. Horácio Costa e Charles A. Perrone; Miami, 2008) e *Roteiro da Poesia Brasileira – Anos 2000* (org. Marco Lucchesi; São Paulo, 2009) e *Poesia Prévia* (org. André Dick, São Paulo, no prelo). Como tradutora tem se dedicado especialmente à poesia moderna e contemporânea e à obra do escritor austríaco Peter Handke. Atualmente, também trabalha como coordenadora de projetos do Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida, em São Paulo.